

A posição de Henry de Montherlant

para "O DIA" — Ovídio
de France Sobrinho

O jornalista Henry de Montherlant é dos poucos que na actualidade procuram aliar o espírito num plano verdadeiramente superior.

No momento, em França principalmente não há escriptor por menor prestigiado que seja que não esteja definindo a sua atitude em face dos últimos acontecimentos políticos.

A guerra da Itália com a Albânia parece ter acendido os olhos e concentrado pela que essa d-d-nipha de atitudes de todos, mais clara ainda seveia, dividindo os campos e caracterizando as forças.

Em todo território francês onde existe um campo de imprensa ou mesmo uma tribuna pública vale a expressão da inteligência, a política ideológica pelas grandes causas da humanidade, impõe uma norma de conduta intelectual uma fórmula de examinar os factos e observar os acontecimentos.

Ao lado da corrente autenticamente revolucionária prepara-se a corrente de reacção que ameaça habitar sobre as ruínas e sobre as populações, cultura de lei e civilização de uma cultura atribuída. A Europa aos traços e sentido dos grandes movimentos renovadores da vida colectiva. E a França agita-se, em torno dessa cultura que, no século passado, aguentou a civilização burguesa, dando-lhe rumos, directrizes, e ficando-lhe um carácter próprio.

Não será nada fácil manter os mesmos valores sobre o panorama do mundo. A complexidade dos acontecimentos e a confusão no domínio da inteligência, impedem-nos uma análise total da sociedade moderna, dos factos da vida contemporânea, das condições existenciais e do aspecto das lutas políticas.

O ruído de armas converteu a atmosfera em que se agita o homem e os seus dias. Os manifestos lançados em torno da guerra são eloquente, ao invés, se procurarem dar explicação lógica aos desastres da humanidade, pelo contrario, provocam a luta dentro das fronteiras da França, por intermédio da imprensa. Nas sombras mais escuras daquela unidade orgânica de pensamentos da época medieval. O homem ao voltar de após guerra de um conflito estapendo de forças que temem viver, permanecendo com forças, age e aniquila as forças opostas. A "L'œuvre Moderne" e o renascimento católico de Mauriac e Gilson, a "L'Action Française", a Croix de Feu, são consequências desse estado de inquietude que, para Marcel Arland, é o mal de nosa época.

De um lado, Paul Claudel, Francis Mauriac, Martin e Étienne Gilson. De outro lado Louis Aragon, Roland, e Irizabel Gide.

vas. Todas nós temos necessidade de Gide porque elle fala ao nosso intimo, traduz a nossa propria revolução artistica. Montherlant esde e politico puto que não agiti no Brasil chamaramos de profissional. Daniel Rops quando peço a nova ordem e o exito de uma nova organização da sociedade não esquece a normalidade dessa harmonia de atitudes. Montherlant, porém, não crei nella. Ou o homem vive para a arte ou vive para a politica. A função politica da arte não quer dizer que toda artista deve ser um politico e se interesse directamente pelo destino da nação publico. Para Montherlant, um homem exclusivamente politico é um homem falido, falido na sua dignidade, falido na sua consciencia e falido na sua intelligencia. "A questão social e a questão politica, estão num plano que não é absolutamente o plano do espirito". Montherlant crei que ha em cada um de nós alguma coisa de original que difere do mundo exterior.

O autor de "La Révolte du Matin" não temia com a sua posição contraria a politica defensora dos valores do espirito que, movido dentro da luta politica, não determinou por escriptores da estatura de Romain Rolland e Malraux, pelo contrario o sentido da existencia interior. Proust, no começo de sua vida, foi um estudioso inventado, e como Aristoxeno. Proust, nesse periodo, tal como depois Paul Valéry, adquiriu o conhecimento com o homem sobre os homens. Roland após a guerra tomou pelo futuro de Jean Christophe como se esse mesmo fosse desaparecer no limbo das ruas e na inquietude dos campos. Parece faltar a atmosfera necessaria a criação artistica.

Em "Service Inutile" mais Henry de Montherlant fixa os seus pontos de vista. Para esse escriptor de talento invulgar e de invulgar capacidade de observação objectiva da realidade concreta, o artista autentico, deve olhar por cima do tumulto social contemplando e desenvolver dos acontecimentos.

Não se se Montherlant é ou não combatido. O que se pode dizer com acerto é que Robert Brasillach, como critico literario da critica politico de propaganda não logica de "L'Action Française", com a responsabilidade formidavel de homem publico que é, amosa seus ninquias, pelo retorno a paz da Terra de Marfili.

A POSIÇÃO DE HENRY DE MONTHERLANT

O Dia – 29 de abril de 1936.

O novelista Henry de Montherlant é dos poucos que na atualidade procuram situar o espírito num plano verdadeiramente superior.

No momento, em França principalmente, não há escritor por menos prestigiado que seja que não ouse definir a sua atitude em face dos últimos acontecimentos políticos.

A guerra da Itália com a Abissínia parece ter acirrado os ódios e concorrido para que essa definição de atitudes se torne mais clara, mais severa, dividindo os campos e caracterizando as forças.

Em todo território francês onde exista um órgão de imprensa, ou mesmo uma tribuna pública para o exercício da inteligência, a paixão ideológica pelas grandes causas da humanidade impõe uma norma de conduta intelectual, uma fórmula de examinar os fatos e observar os acontecimentos.

Ao lado da corrente autenticamente revolucionária, prepara-se a corrente de reação que ameaça baixar sobre as massas e sobre as populações, contra as leis estratificadas de uma cultura moribunda. A Europa nos traz o sentido dos grandes movimentos renovadores da vida coletiva. E a França agita-se, em torno dessa cultura que, no século passado, agüentou a civilização burguesa, dando-lhes rumos, diretrizes, e fixando-lhe um caráter próprio.

Não será nada fácil lançar as nossas vistas sobre o panorama do mundo. A complexidade dos fenômenos e a confusão no domínio da inteligência impedem-nos uma análise total da sociedade moderna, dos fatos da vida contemporânea, das condições ambientes e do aspecto das lutas políticas.

O ruído de armas envenena a atmosfera em que se agita o homem dos nossos dias. Os manifestos lançados em torno da guerra ítalo-etíope, ao invés de procurarem dar explicação lógica aos desvios da humanidade, pelo contrário, provocam a luta dentro das fronteiras da França, por intermédio da imprensa. Nem sombras mais existem daquela unidade orgânica de pensamento da época medievalista. O imenso vácuo de após guerra deu nesse conflito estupendo de forças que buscam viver, permanecer como forças, agir e aniquilar as forças opostas. A “L’ordre Nouveau” e o renascimento católico de Maritain e Gilson, a “L’Action Française”, a Croix de Feu, são conseqüências desse estado de inquietude que, para Marcel Arland, é o mal de nosso século.

De um lado, Paul Claudel, François Mauriac, Maritain e Etienne Gilson. De outro lado, Louis Aragon, Roland, o inefável Gide, Malraux, etc. Na direita política, Charles Maurras e Leon Daudet.

Henry de Montherlant, no centro dessa paixão, consegue ficar afastado, não tomar posição política. A arte é que nos liberta dos convencionalismos. Outra seria a nossa situação se, ao invés do homem de pensamento abandonar a Torre de Marfim, permanecesse ainda nela. A idéia de libertação não pode ficar sujeita ao faccionismo de homens como Richard Bloch ou Daudet. Cada um de nós possui a sua fisionomia anterior distinta das demais. Querer modelar a todos os homens por uma forma política ideológica é estupidez irritante. O artista que abandona o recanto onde vive na pureza do seu ideal, é um falido na expressão mais exata da palavra. A arte requer silêncio, requer contemplação, equilíbrio de espírito, visão totalitária das coisas, a arte dispensa a paixão e busca a serenidade, a verdadeira arte se eleva do nível social.

Robert Brasillach, crítico de “L’Action Française”, pede aos intelectuais que se não deixem dominar exclusivamente pela política e que não abandonem por

completo a Torre de Marfim, para se integrarem totalmente na batalha política do mundo. É preciso de quando em vez volver à poesia pura, à vida contemplativa, ao estado de disponibilidade transitória, sem o qual não se pode sentir a plenitude mesmo da própria vida.

Montherlant sabe que toda obra de arte não pode deixar de ser política. O pouco que possui de social, porém, não transcende. Ninguém pode querer negar o sentimento artístico de André Gide, e, no entanto, Gide é hoje em dia um político, um homem que, apesar de pertencer a um grupo, continua, em matéria de arte, o mestre das gerações novas. Todos nós temos necessidade de Gide porque ele fala ao nosso íntimo, traduz a nossa própria revelação artística. Montherlant odeia o político puro que nós aqui no Brasil chamaríamos de profissional. Daniel Rops, quando prega a nova ordem e o êxito de uma nova organização da sociedade, não esquece a necessidade dessa harmonia de atitudes. Montherlant, porém, não crê nela. Ou o homem vive para a arte ou vive para a política. A função política da arte não quer dizer que todo artista deve ser um político e se interesse diretamente pelo destino da causa pública. Para Montherlant, um homem exclusivamente político é um homem falido, falido na sua dignidade, falido na sua consciência e falido na sua inteligência. “A questão social e a questão política estão num plano que não é absolutamente o plano do espírito”. Montherlant crê que há em cada um de nós alguma coisa de original que difere do mundo exterior.

O autor de “*La Relève du Matin*” não tenta com a sua posição contrária à política defender os valores do espírito que, mesmo dentro da luta política, são defendidos por escritores da estatura de Romain Roland e Malraux, sem desvirtuar o sentido da existência interior. Proust, no começo de sua vida, foi um mundano inveterado e, como sabemos, Proust, nesse período, tal como depois Paul Bourget, adquiriu o conhecimento com o homem entre os homens. Roland após a guerra temeu pelo futuro de Jean Christophe como se ele mesmo fosse desaparecer no tumulto das ruas e na inquietação dos campos. Parecia faltar a atmosfera necessária à criação artística.

Em “*Service Inutile*” mais Henry de Montherlant fixa os seus pontos de vista. Para esse escritor de talento invulgar e de invulgar capacidade de observação

objetiva da realidade cósmica, o artista autêntico deve pairar por cima do tumulto social contemplando o desenrolar dos acontecimentos.

Não sei de Montherlant é ou não combatido. O que se pode dizer com acerto é que Robert Brasilach, como crítico literário do órgão político de propaganda ideológica de “L’Action Française”, com a responsabilidade formidável de homem público que é, anseia, como ninguém, pelo retorno à paz da Torre de Marfim.